



N.º 175 — Lisboa, 29 de Dezembro

6.º ANO

1885

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

<p>Publica-se aos sabbados Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da PARODIA PREÇO AVULSO 40 RÉIS Um mez depois de publicado 80 réis</p>	<p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50</p> <p>Assignaturas (pagamento adeantado)</p> <p>Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs. Brazil, anno 52 numeros 35000 rs. Semestre, 26 numeros. 15000 rs. Africa e India Portuguesa, anno. 25000 rs. Cobrança pelo correio 5100 rs. Estrangeiro, anno, 52 numeros... 35600 rs.</p> <p><i>Nota:</i> — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho</p>	<p>EDITOR — CANDIDO CHAVES</p> <p>Composição e impressão “A EDITORA,” L. do Conde Barão, 50</p>
--	---	--

Ordem do dia

B. P.

Poeta. Temperamento exuberante.

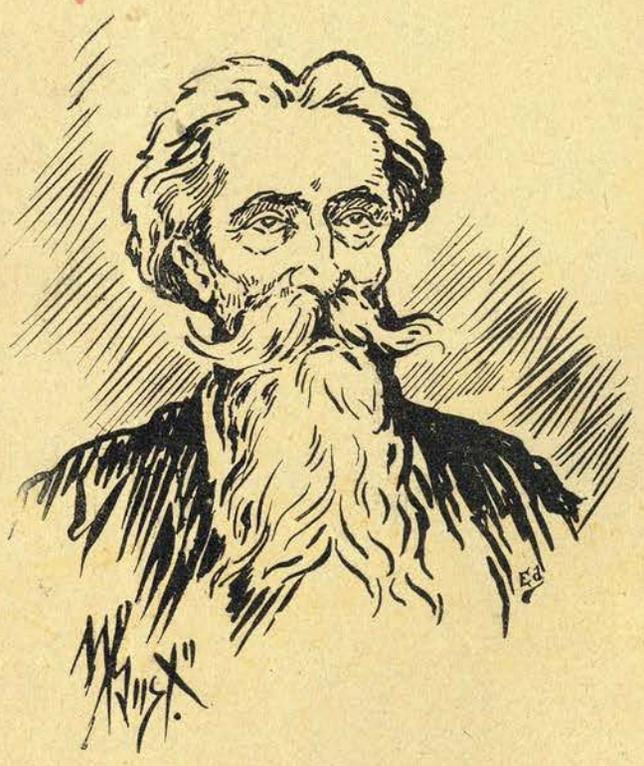
Torrentuoso. Excessivo.

Ultimo romantico.

Cabeça aureolada.

Alma aureolada.

A geração de 1830 emergindo da fonte de Juvento.



Aos senhores assignantes

Em virtude da suspensão que, de abril a outubro ultimos, soffreu a publicação da "Parodia", estendem-se até o n.º 178 as assignaturas que deviam terminar em 30 de junho de 1906.

Estão á cobrança os recibos para a seguinte serie de 26 numeros e muito nos obsequiariam os nossos estimaveis assignantes de Lisboa mandando satisfazerlos ao nosso escriptorio até 19 de janeiro de 1907.

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira	11/12	--	--
Madeira	3	9	--	Lourenço Marques ..	14/16	--	--
S. Vicente	--	13	--	Mossamedes	--	9	22
S. Thiago	--	14/15	28/29	Benguella	--	10/11	23/24
Principe	--	23/24	7	Lobito	--	12	25
S. Thomé	13	25/27	8/10	Novo Redondo	--	13	26
Cabinda	--	29	12	Loanda	25	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	--	--	13	Ambriz	--	17	30
Ambriz	--	30	14	St.º Antonio do Zaire	--	--	31
Loanda	16	1/3	15/16	Cabinda	--	18	2
Novo Redondo	--	4	17	S. Thomé	28	20/22	4/6
Lobito	--	5	18	Principe	--	23	7
Benguella	--	6/7	19/20	S. Thiago	--	1	15
Mossamedes	--	8/9	21/22	S. Vicente	--	--	16
Lourenço Marques ..	25/2	--	--	Madeira	9	--	20
Beira	4/5	--	--	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Moçambique	7/9	--	--				

VAPORES : Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambesia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 = LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

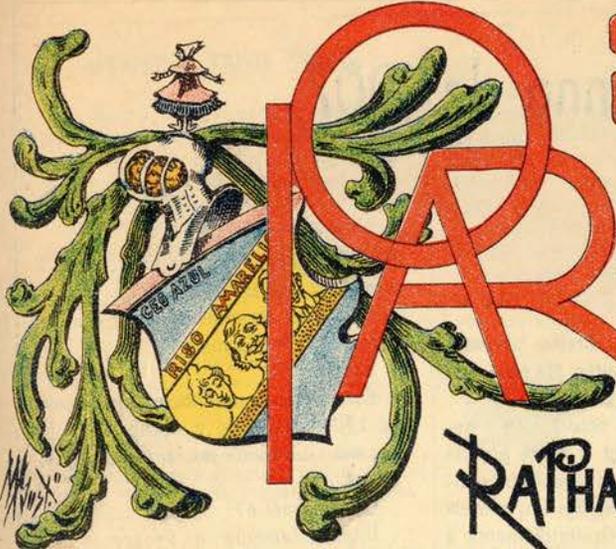
Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilette.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.



N.º 175 — LISBOA, 29 DE DEZEMBRO

6.º ANNO
\$06

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 25000 rs.	Brasil, anno 52 numeros 55000 rs.
Semestre, 26 numeros 15000 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correto 5000 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros . . . 55000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data, tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão
"A EDITORA,"
L. do Conde Barão, 50



Um ponto de interrogação...

Carta ao anno de 1907

BOM ANNO:

Poderíamos chamar-te anno illustre. Em Portugal dá-se este qualificativo mesmo ás individualidades que ainda não tiveram tempo de se illustrar. Diz-se o *illustre* estadista, o *illustre* deputado, o *illustre* escriptor, como se diz o *illustrissimo* senhor, e por certo não o sabe, mas vamos dizer-lh'o — nós os portuguezes somos todos *illustrissimos* senhores. Em rigor mesmo só a plebe é *illustrissima*. Da plebe para cima todos são *illustrissimos* e *excelentissimos*.

Preferimos, pois, chamar-te bom — bom anno! — porque assim como as individualidades que ainda não tiveram tempo de se illustrar são capituladas de illustres, os annos, mesmo antes de se terem mostrado benignos, são já, no nosso conceito — bons. Nós não fazemos votos, como os francezes, para que o anno seja bom. Garantimol-o optimo. Assim, ainda o anno vem longe e já lhe chamamos — anno bom.

Os annos em Portugal são sempre bons, mesmo antes de o terem sido. E' portanto o bom anno, como aquelle deputado, cujo nome os regulamentos da imprensa nos impedem de pronunciar é — o illustre deputado.

Bom anno! Vaes entrar na nossa scena politica e social. Permite que te diga duas palavras.

Hoje em dia, um anno a mais é sempre uma esperança a mais.

Os tempos andam no seu estado interessante. Espera-se sempre que os novos annos tragam consigo alguma coisa.

Dá-se como certo que a época que vamos atravessando está no seu periodo de gestação. Mas realmente espera-se — o quê?

Rigorosamente não se sabe.

O genero humano pede innovações — eis tudo.

Quaes?

Todas.

As sociedades estão insatisfeitas com a sua organização.

O homem está insatisfeito com a sua sorte.

Pede-se moral.

Pede-se direito.

Pede-se justiça.

Pede-se pão.

Mas ha moral, ha direito, ha justiça. Ha, mas insufficientes. Ha pão, mas não ha pão que chegue.

Todos os annos, pelo Natal, o genero humano espera a sorte grande da felicidade, ou, para que assim o digamos, a felicidade aberta em cautelas e enriquecendo equitativamente a totalidade dos homens.

Estamos n'uma época de superstições da qual tudo se espera: tremores de terra, golpes de Estado, revoluções e vulcões.

Tudo na terra e no homem é, mais do que nunca, instabilidade.

Assim tambem cada anno novo que vae ficando para traz, no calendario, tem significação e tem historia — é uma decepção.

O anno de 1906 que te precedeu não teve historia.

Engendrou historia?

Tu o dirás. Outros o dirão.

Uma data, quatro algarismos — o que é isto?

Coisa alguma.

Mas mettam-lhe dentro um facto e ella ficará rebrilhando eternamente.

O seculo XVIII teve, como todos, cem annos. O unico seculo que se tem subtrahido por ora a este regimen é o da rua Formosa.

Pois bem! em todo esse longo e accidentado lapso de tempo, só uma data apparece a brilhar com uma luz immoreddoura — 1789, e tão grande ficou sendo a sua significação, tão extraordinario o seu prestigio que o genero humano passou a designal-o por esta especie de diminutivo, ao mesmo tempo familiar e grandioso — 89. Diz-se Oitenta e Nove como se diz — Cesar, Annibal, Napoleão, Tito.

Oitenta e Nove é inconfundivel.

Oitenta e Nove não pode ser o numero de uma porta, o numero de um camarote, ou o numero de um vigesimo.

Oitenta e Nove é a liberdade.

Oitenta e Nove é um anno illustre. O anno de 1906 não o foi. Coope-

rou. Distribuiu algumas pranchadas e algumas senhas da Cosinha Economica. Abriu algumas cabeças e algumas ruas. Pouco mais.

Passou.

Estarás tu porventura, bom anno de 1907, destinado a occupar um logar mais brilhante no tempo e na historia?

Como sabel-o?

Incessantemente o Progresso, ao qual se convencionou attribuir rodar, como aos trens — caminha.

Mas como caminha?

Sem apparente logica, sem apparente itinerario, aos trambolhões, parando aqui, parando ali, encalhando, desenrascando-se e a cada passo mesmo retrocedendo para avançar de novo com vertiginosa velocidade umas vezes, com horrivel lentidão, outras.

Conhecer com antecipação a derrota exacta do Progresso é pelo menos tão ousado como saber para onde vae o sr. Arroyo.

O progresso é o imprevisto. O progresso é amanhã de manhã. O progresso é logo á tarde. O progresso é uma carta que parte. O Progresso é um telegramma que chega. O Progresso é um trem que se volta á esquina de uma rua. O Progresso é um figurão trepando a um banco, n'uma praça publica.

Todos os annos em que um d'esses factos comesinhos e momentosos se produz, estão habilitados a gosar o privilegio de uma situação fulgurante, no calendario e no tempo.

Assim tu podes ser um grande anno, como a creança que nasce pode ser um grande homem.

Tudo depende de teres a sorte de dares algumas pranchadas mais, e de abrires mais algumas cabeças, pois está absolutamente demonstrado, depois dos successos de 1906, que as conquistas do Progresso em Portugal vão sendo feitas á pranchada.

Anno de 1907! Nós te saudamos e te pedimos — factos! factos! E não te esqueças de trazer — a arnica.

João RIMANSO.

Quarenta annos depois

O nosso illustre collega *Diario de Noticias* publica uma secção muito interessante, onde dia a dia regista factos que se deram precisamente quarenta annos antes.

Assim, respigando o noticiario de terça feira 18 de dezembro de 1866, o *Diario de Noticias* trasladou para o seu numero de igual dia em 1906 a seguinte noticia:

O sr. D. Carlos com o tosão de oiro.—A rainha de Hespanha agraciou o herdeiro da corôa portugueza com o grancollar do tosão de oiro. O principe andou n'esse dia muito alegre e contente, por causa da dadiva. Procurava mostrar a todos o collar, dizendo com a galantaria propria da sua idade: «A rainha de Hespanha é que me deu este bonito.»

Esta tocante, commovente local é uma nota interessante como subsidio para a biographia do actual reinante.

Ella estabelece da maneira mais clara que Sua Magestade, nos tenros annos da sua meninice, era já um espirito lucidissimo, sabendo avaliar devidamente as coisas. Quem nos diz, a nós, que o então principe herdeiro quando chamava bonito ao *Tosão de Oiro* não empregava capciosamente essa palavra como um delicado euphemismo e não sentiria ganas de chamar á condecoração — penduricalho!

Felizmente para o sr. Hintze — que tambem tem o collar do *Tosão* e o presa acima de todas as coisas — Sua Magestade, se ainda sente o mesmo desprendimento pelas venéras, não o manifesta.

Ceus! Pela primeira vez o nobre chefe do partido regenerador teria a honra de discordar da opinião do Seu Rei e ver-se-ia obrigado a sahir dos conselhos da corôa para evitar uma questão com a Hespanha. Assumir as precipuas d'um conflicto com a potencia visinha por causa do *Tosão*, já não é aventura a que o sr. Hintze se abalance.



Quer-nos parecer que nem mesmo o sr. João Franco se mettia n'essas fofas!

Carta por copia

Rincão (do Porto) 25-12.º-906 — Meu caro amigo:—Aqui estou e aqui estarei á sua disposição, com muitas saudades da Havaneza, do Zeferino Candido, das nossas Colonias para as quaes já não posso chamar a attenção dos seus pios leitores tocando a sineta do *Rincão* de Lisboa.

Entretanto, para não perder o feito, já que não toco a sineta do *Rincão*, vou tocando a pavana ao Alpoim: querelei-o.



Creio que o chefe dos dissidentes ficou fulo. Escreveu-me um bilhete postal pedindo-me que lhe devolvesse dez tostões que me tinha dado para as nossas colonias e terminando por me dizer: «cresça e desappareça.»

As mulheres, aqui, é que não são nada rinconas: antes pelo contrario, são muito altas.

Quando saio a passeio faço-me acompanhar por um homem com um escadote, a fim de poder colocar-me a altura conveniente para lhes observar as phisionomias.



Com o frio tenho encolhido d'uma forma extraordinaria. Ha dias, na praça Nova, encolhi tanto que fiquei todo dentro do chapéu.

Depois do sol posto não se pode sahir. Isto parece a Siberia.

A noite de ante-hontem para hontem foi um verdadeiro horror. Passei-a na caixa d'uma boquilha que por ser forrada de velludo offerencia um certo conforto.

Se isto assim continua não sei o que será de mim. Estou reduzido a um tamanho inverosimil.

Imagine: No domingo fui ao theatro, a uma *matinée*. Na bilheteira pedi que me vendessem uma cadeira. Sabe o que me responderam?

— Não precisa. Creanças até 10 annos teem entrada gratuita.

Fiquei azabumbado. Passavam magotes de creanças mascaradas, junto de mim.

E uma mulher, apontando-me a outra, disse:

— Aquelle pequeno bae muito bem disfarçado de *bêlôte*!

Tudo isto me faz pensar e ter muitas saudades da minha Lisboa e dos

meus amigos, que me engrandeciam com a sua amizade e carinho. Para elles peço muitos recados e abraços do seu

amigo certo

J. T.



A Cesar o que é de Cesar

Apreciando a acção do nosso illustre confrade Moreira de Almeida como jornalista e parlamentar, o sr. Alpoim escreve para o *Primeiro de Janeiro*:

O sr. Moreira de Almeida reúne ambas as qualidades; é um orador politico muito distincto e um grande orador de negocios.



Estas columnas ficam ás ordens do sr. conde de Burnay para que s. ex.^a possa reivindicar publicamente os seus direitos.

A Cesar o que é de Cesar.

Relativamente ao jornalismo e ao parlamento, plenissimamente de accordo. Mas a respeito de negocios... tó rôla!

O "Auto da Festa," e o conde de Sabugosa

Um pequeno parenthesis na chuchadeira nossa de cada semana para agradecermos ao sr. conde de Sabugosa a gentilissima offerta do *Auto da Festa*, de Gil Vicente, com cuja publicação o nobre titular acaba de prestar um relevantissimo serviço ás letras portuguezas.



O *auto*, absolutamente desconhecido, encontrado na bibliotheca do conde de Sabugosa e por este vulgarisado é uma maravilha. E o prologo, da lavra do descobridor da obra Gilvicentina, primorosissimo homem de letras e fidalgo primorosissimo, representa uma investigação acurada, estudo e critica profundos vestidos nas simples roupagens de uma linguagem nobre, sobria e elegante.

A *Parodia* reitera ao sr. conde de Sabugosa os seus agradecimentos pela delicada e preciosa offerta com que s. ex.^a a quiz honrar.

NATAL



O menino nas palhas

Gustavo Bardalotti

Familia e divoreio

O antigo e illustre deputado Duarte de Reboredo de Sampaio e Mello fez o favor de nos enviar de uma terra de nome muito exquisito — Meda — (vá lá quem quiser!) um interessantíssimo volume com o titulo que nos serve de epigrapho, que é uma resposta fulminante aos criticos e até detractores que o deputado Reboredo encontrou no seu caminho quando apresentou em côrtes o seu projecto de lei estabelecendo o divoreio.



Toda a obra, que é de um pensador, pessoa erudita e que sabe o que diz e o que quer — como quem diz, que sabe onde tem a cara — assenta sobre palavras de A. Rol estabelecendo que «a instituição do casamento soffre uma crise extremamente grave e, se por ventura se lhe não der mais liberdade, respeitando mais a vontade das partes, corre-se o risco de consummar a sua ruina.»

A obra de Duarte de Reboredo pretende, pois, isto: o respeito pela vontade das partes, doutrina que nós sempre sustentamos em outra ordem de trabalhos.

Escusado é, pois, dizer, que estamos plenamente de accordo com o nosso amigo Duarte de Reboredo. Quanto aos oppositores da lei do divoreio, seria bom que todos fossem á Meda ouvir de viva voz aquillo que Reboredo não pode dizer em letra redonda, mas que muito interessa á solução do problema de que se trata: a vontade das partes. Palpita-nos que Reboredo é homem para convencer os a todos.



Agradecendo ao distincto parlamentar e publicista a offerta do seu livro, aproveitamos o ensejo para lhe lembrar a publicação recente de um livro inglez *O exterminio das sogras pelos pós de Keating*.

Para limpeza de familia não ha nada melhor.

Os cães no theatro

Andam agora muito na berra os cães, por causa do papel predominante que os interessantes bichos estão representando no theatro.

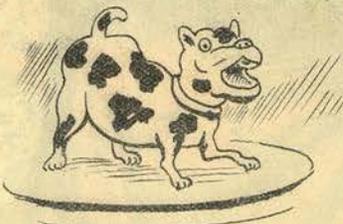
Effectivamente, quem se der ao trabalho de lèr as modernas peças do theatro francez, vê que poucos auctores deixam de lançar mão do cão como auxiliar nas fabulas de comedia.

Na *Paliche*, comedia representada no Theatro Francez, Feraudy começa o 2.º acto com uma tirada sentimental a um lindo cão que o ouve intelligentemente, todo enfeitado com fitas e laçarotes.

Na *Mademoiselle Josette*, um lindo canito serve de confidente á actriz Regnier.



Na *Mignette et sa mère*, a Lavalliere confidencia a um cão o nome do seu amante. O cão, até por signal, dizem que chora como uma creança.



Impressionado com este uso e abuso do cão na peça moderna, um jornalista parisiense entrevistou um auctor dramatico, que lhe disse:

«— O cão está representando na comedia moderna um papel importante. Podem contar-se-lhe os *estados da alma* que é necessario revelar á plateia.»

Com o devido respeito pela incontestavel auctoridade da pessoa entrevistada nós diremos, applicando *el cuento* a Portugal, que vamos alem das declarações do auctor dramatico de quem se trata.

Nós não só desejavamos que se contassem os *estados d'alma* ao cão. Desejavamos que lh'os *pontassem* para elles os transmittirem directamente ao publico.

Todos tinhamos a ganhar com isso: espectadores e cães.

E' claro que alguns actores dariam ao rabo. Mas, que demonio, uma vez que os cães fizessem de homens não era de mais que alguns homens fizessem de cães!



Impingindo um Simão

Pessoa que naturalmente não tem muito que fazer, escreve-nos do Porto perguntando «se não tomamos á nossa conta o Simão» do governador civil d'aquelle districto.



Não sr. Não tomamos conta de Simão nenhum. Isto não é jardim zoologico onde quem queira venha depositar os seus macacos.

Se o não pode aturar, dê-lhe uma banana. A's vezes contentam-se com isso e aquietam-se.

Pelo menos era o que succedia com um primo d'elle que havia no Palacio de Crystal.



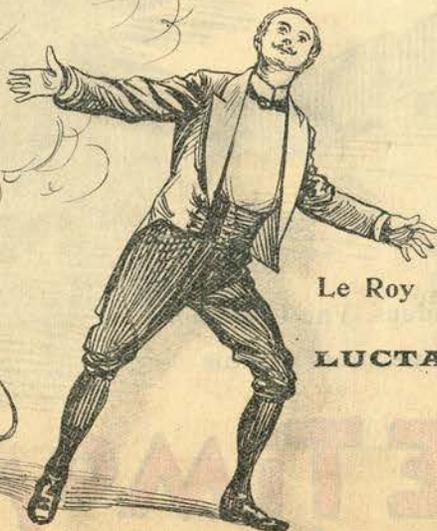
THEATRO D. AMELIA

Viagens de Gulliver



Alguns dos lindos costumes da peça

COLYSEU DOS RECREIOS



Le Roy Talma Bosco

LUCTADORAS



Em artigo palhaços o commendador Antonio Santos leva a palma a tudo quanto por ahí se exhibe em palhaçadas, tanto na qualidade como na quantidade.

De facto, quem vae ao Colyseu e vê trabalhar os muitos artistas que para lá foram contractados, consola-se com a idéa de que este paiz nunca se verá em difficuldades para a organisação de um governo. . .

Nenhum dos contractados do sr. João Franco apresenta trabalhos que possam sequer comparar-se com os numeros mais rudimentares da companhia do Colyseu.

Em plastica, então, os artistas do sr. João Franco, incluindo este, ficam a dever muito aos do circo da rua de Santo Antão.

Estamos em crer que quando toda a gente vir a companhia do Colyseu o sr. Franco deixa de receber mensagens congratulatorias

